Croton urucurana Baill.

(sangra d'água , sangue de drago)

Família: Euphorbiaceae

Sinônimos: *Croton draconoides*

Endêmica: não[1]

Bioma/Fitofisionomia: Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica[1]

Recomendação de uso: Silvicultura

A sangra d'água é uma espécie com altura entre 7 e 14 m, fácil de reconhecer em campo por suas folhas prateadas na parte inferior, e algumas amareladas. Planta característica de terrenos muito úmidos e brejosos, ocorre quase que exclusivamente em capoeiras e capoeirões, onde forma populações quase puras. Sua madeira é própria para a construção de canoas e obras externas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (carrocerias, dormentes, esteios, obras hidráulicas, canoa, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (apícola, medicinal, ornamental)[2,3]

Características gerais

Porte: altura 7.0-14.0m DAP 25-35cm[3]

Cor da floração: -

Velocidade de desenvolvimento: Rápida[2,3]

O desenvolvimento das plantas no campo é rápido, atingindo 4 m de altura aos 2 anos (LORENZI, 2002).

Persistência foliar: Decídua[3]

Sistema radicular: -

Formato da copa: -

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: -

Superfície do tronco: -

Tipo de fruto: -

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas[2,10,3]

Áreas encharcadas permanentemente e áreas com inundação temporária (MARTINS, 2007; LORENZI, 2002). Tolera encharcamentos e inundações, mas ocorre também em terrenos secos de encosta (DURIGAN et al., 1997).

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira[7,6,8,9,10,4,3,11]

Polinizadores: Abelhas.[5]

Período de floração: dezembro a junho[2]

Tipo de dispersão: Autocórica[6,5,7,4]

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: janeiro a julho[2]

Associação simbiótica com raízes: sim[12]

Ausência de micorriza arbuscular (MA) no campo, mas alta colonização de MA em casa de vegetação e resposta muito alta a inoculação de MA.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[3,2]

Colhê-los quando iniciarem a sua abertura ou antes do início de sua abertura. Em seguida, levá-los ao sol para a liberação das sementes. Devido a abertura explosiva dos frutos, cobrí-los com telado ou peneira para evitar a perda de sementes.

Tipo de semente: Ortodoxa[4]

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento, Tratamento térmico[3,2,4]

Imersão em água quente a 50ºC por dois minutos, em seguida, colocar a temperatura ambiente (MORI et al., 2012). A imersão das sementes em água fria por 2 horas acelera e uniformiza a germinação (DURIGAN et al., 1997).

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais[3,2]

Em cerca de 4 meses as plantas atingem porte adequado para plantio no campo.

Tempo de germinação: 15 a 25 dias[3]

Taxa de germinação: 60 a 80%[4,2]

Número de sementes por peso: 120000/kg[2,4,3]

Exigência em luminosidade: Exigente em luz[3,2]

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

[1] CORDEIRO, I.; SECCO, R.; CARNEIRO-TORRES, D. S.; LIMA, L. R. de; CARUZO, M. B. R.; BERRY, P.; RIINA, R. G.; SILVA, O. L. M.; SILVA, M. J. da; SODRÉ, R. C. Croton. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 jun. 2013.

[2] DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.

[3] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[4] MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

[5] KINOSHITA, L. S.; TORRES, R. B.; FORNI-MARTINS, E. R.; SPINELLI, T.; AHN, Y. J.; CONSTÂNCIO, S. S. Composição florística e síndromes de polinização e de dispersão da mata do Sítio São Francisco, Campinas, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 313-327, 2006.

[6] AQUINO, C.; BARBOSA, L. M. Classes sucessionais e síndromes de dispersão de espécies arbóreas e arbustivas existentes em vegetação ciliar remanescente (Conchal, SP), como subsídio para avaliar o potencial do fragmento como fonte de propágulos para enriquecimento de áreas revegetadas no Rio Mogi-Guaçu, SP. Revista Árvore, Viçosa, v. 33, n. 2, p. 349-358, mar./abr. 2009.

[7] ARZOLLA, F. A. R. D. P.; VILELA, F. E. S. P.; PAULA, G. C. R.; SHEPHERD, G. J. Regeneração natural de clareiras de origem antrópica na Serra da Cantareira, SP. Revista do Instituto Florestal, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 155-169, jun. 2010.

[8] HIGUCHI, P.; REIS, M. G. F.; REIS, G. G.; PINHEIRO, A. L.; SILVA, C.T.; OLIVEIRA, C. H. R. Composição florística da regeneração natural de espécies arbóreas ao longo de oito anos em um fragmento de Floresta Estacional Semidecidual, em Viçosa, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 893-904, 2006.

[9] PINTO SOBRINHO, F. de A.; CHRISTO, A. G.; GUEDES-BRUNI, R. R.; SILVA, A. F. Composição florística e estrutura de um fragmento de floresta estacional semidecidual Aluvial em Viçosa (MG). Revista Floresta, Curitiba, v. 39, n. 4, p. 793-805, out./dez. 2009.

[10] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.

[11] MARTINS, S. S. Recomposição de matas ciliares no Estado do Paraná. 2. ed. Maringá: Clichetec, 2005. 32 p.

[12] ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. Cerne, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.